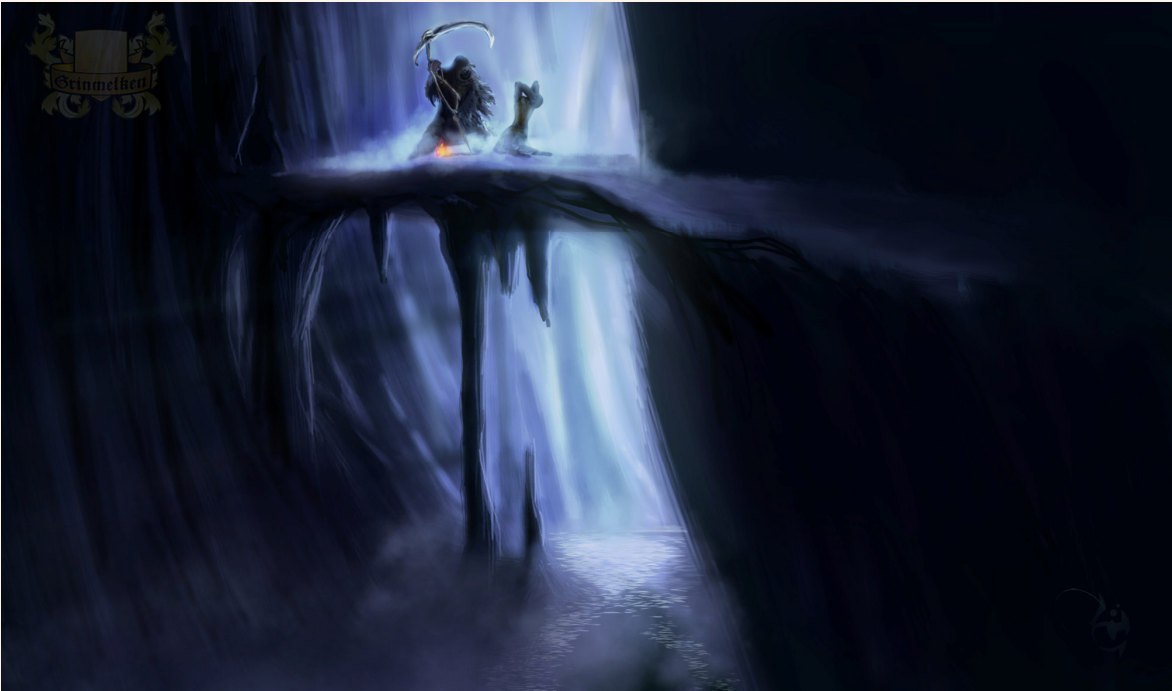




A Lenda de Remiel



Por Leandro Reis

Paladinos... Guerreiros altruístas de fé inabalável. Homens abençoados pelos deuses, com ideais forjados nas virtudes da honra. Heróis a qualquer hora, qualquer situação. Eles só possuem um objetivo: Fazer o bem.

Muitas foram as histórias sobre seu surgimento, lendas de como os deuses voltaram seus olhos oniscientes às suas causas. A de que mais gosto, tida por alguns como a primeira dentre elas, se inicia na Passagem para as Terras Distantes. Uma caverna sem fim, que dizem levar à morada dos deuses.

Tal local era tido como sagrado e raros eram aqueles que arriscavam adentrar mais que o limite do Rio de Amupherus, local em que deixavam canoas com os mortos para que fossem levados aos deuses.

Várias eram as lendas que pairavam sobre o destino cruel que os ousados obtiveram ao aventurar-se passagem adentro, relatos de que se perderia corpo e alma. Crença de qualquer aldeão de Kalbar, vila onde a jornada começou.

Naquela época, a miséria física e espiritual havia atingido seu auge. A morte, trazida pelas doenças e violência tornou-se cotidiana, tal como o dormir e o acordar. A religião daquele povo havia sido distorcida e as bases da fé, o clero, estavam impregnados de pensamentos corruptos e mesquinhos. Tal cenário deixava claro que o futuro dos homens estava condenado. Todos tinham ciência do óbvio: Algo precisava ser feito para evitar o pior. Cada um, porém, tinha sua desculpa para não agir, para não procurar uma solução.

Por isto Remiel erguera-se contra a correnteza do conformismo e havia iniciado sua campanha para corrigir o mundo. Com esperança nos homens, havia discursado a seus compatriotas com fervor, chamando-os para levantar-se contra um destino nefasto. Implorando para que abrissem suas mentes e partissem com ele em busca de uma solução para os problemas que os afligiam.

Mas suas palavras foram em vão e ninguém o seguiu. Sequer se manifestaram, fosse por medo, conformismo ou mero descaso. Ele então chorou silencioso e por três vezes pensou em desistir, mas não o fez. Aqueles à sua volta não tinham consciência do que faziam, do significado de suas existências. Viviam o cotidiano no conforto da ignorância. Caminhando lentamente rumo à destruição. Cabia a ele, que despertara uma consciência maior ao sair do ciclo de descaso e omissão, abrir os olhos do povo e guiá-los. Desistir, após adquirir tal consciência, seria mil vezes pior.

Planejou uma viagem que muitos consideraram sem volta. Decidiu encontrar-se com os deuses para clamar pela salvação de seu povo e partiu para a lendária Passagem para as Terras Distantes, localizada a semanas de viagem em direção ao sul. Muitos consideraram aquilo um suicídio e o clero o taxou de herege. Tentaram desencorajá-lo, mas foi em vão. Ele partiu confiante, disposto a enfrentar os perigos mortais e a incerteza que a jornada apresentava.

Sozinho ele marchou, andando até perder de vista o grande Thanas, um vulcão adormecido ao sul de seu reino. Sobreviveu aos desafios da travessia das Montanhas da Coroa e conseguiu escapar por pouco das investidas de demônios que guerreavam com os homens das fronteiras do reino de Oberil, atingindo finalmente, após cinco meses de procura, a Cordilheira do Conflito Eterno. Após dias vasculhando as grutas e cavernas que lá existiam, encontrou a lendária passagem, reconhecendo-a pelas pinturas bárbaras que a ornamentavam.

Remiel adentrou o território sagrado e atravessou o Rio de Amupherus, caminhando para o local proibido. Acendeu sua última tocha e, sem olhar para trás, sem arrependimento ou hesitação, continuou.

Caminhou pela caverna por dias, com o intuito de encontrar os deuses e implorar por misericórdia. Não sabia se o ouviriam, ou se a lenda sobre a Passagem era verdadeira, sabia somente que estava fazendo algo, que estava fazendo a coisa certa. Movido pela esperança, deixou a fome e a sede de lado e concentrou-se somente em avançar o máximo que pudesse. Estava decidido a encontrar os deuses, mesmo que munido unicamente da tocha que acendera há dias e, milagrosamente, não se desgastava.

No sétimo dia, finalmente parou. Não por falta de água, comida, ou mesmo cansaço. Ele havia parado por que um ser, enviado pelos deuses estava à sua frente. Não tinha asas ou emanava energia sagrada, pelo contrário, emanava morte. Tal enviado assemelhava-se em todos os aspectos a um homem. Segurava uma foice que reluzia, afiada, sobre a luz da tocha. Era certamente um servo de Amupherus, deusa dos mortos e, segundo as lendas antigas, a guardiã daquela passagem.

- *Voltaí.* – O guardião ordenou. – *Este local é proibido a ti, mortal. Voltaí ou teu povo irá sofrer sete vezes mais por tua ousadia e serás odiado para todo o sempre.*

- *Não me importo.* – Disse Remiel, avançando. – *O sofrimento virá ao meu povo de qualquer jeito e não há problema em ser odiado se eu melhorar o mundo em algo.*

- *Voltaí.* – O vulto insistiu, apontando para o homem e proclamando: – *Este local é proibido a ti! Mais um passo e como punição teus olhos sangrarão. Estarás cego para sempre.*

- *Todos de meu povo estão cegos.* – Ele avançou e, ao dar o passo, sentiu seus olhos serem perfurados, sangue escorreu e a dor foi muita. Corajosamente, insistiu: – *Eu já vi tudo que precisava... Lamento, mas isto não me impedirá de continuar.*

- *Parai!* – O vulto ergueu a voz imponente. – *O destino de teu povo já foi decidido e o que está reservado a eles é inevitável. Vá embora enquanto ainda podes. Se der mais um passo, será teu último. Usarei minha foice e destruirei tuas pernas.*

- *Como meu povo, eu rastejei por muitos anos. Somente agora levantei-me para fazer algo. O que enxerguei quando estive de pé, não esquecerei nunca. Não posso deixar de compartilhar isto mesmo que, para fazê-lo, eu tenha que voltar a rastejar.* – Remiel deu mais um passo.

A foice girou no ar e atingiu-o. Seus músculos foram destruídos e suas pernas inutilizadas fazendo-o tombar. A tocha rolou de sua mão, parando próximo aos pés do guardião. Seu semblante foi então revelado, mostrando um olhar triste e cansado.

O vulto observou por alguns segundos aquele aleijado cego. Para sua surpresa, Remiel ergueu a mão e a estendeu o mais distante que pode, agarrou o chão e puxou seu corpo passagem adentro.

- *Por que recusas a entender?* – O vulto preparou a foice. – *Não querem tua ajuda. Teu esforço me comove, mas não haverá interferência.*

O homem estendeu a outra mão e arrastou-se mais alguns centímetros, sentiu o calor da tocha e a agarrou firmemente. O enviado de Amupherus a encarou, o homem insistia em carregar aquele pedaço de madeira, cujo fogo permanecia inalterado, era como se aquilo fosse a ancora que prendia o homem naquela missão. A esperança da humanidade. Decidiu por um fim naquilo.

- *Desista.* – O enviado disse com pesar. – *É meu último aviso. Voltai para tua casa e cuidai de tua família. Se partires agora, poderei curá-lo. Devolverei tua visão e tuas pernas. Mas, se continuares, serei obrigado a tirar tua vida.*

- *Meu mundo está em declínio.* – Remiel avançava, decidido. – *Pouco tempo nos resta. Se morrer por sua lâmina, eu morrerei tentando salvá-lo. Não... Eu não recuarei guardião. Cuide de suas obrigações, enviado dos deuses, eu continuarei com as minhas.*

- *O caminho que buscas é penoso, cheio de sofrimento e decepções. Ofereces teu sacrifício a um povo que grita aos céus que não precisa dele. A estrada para mudar o destino não pode ser percorrida se os envolvidos não se importam com seu futuro.*

- *Deixe-me tentar!* – Implorou a pleno pulmões em um grito desesperado, que ecoou pela caverna. – *Sei que os obstáculos parecem intransponíveis e que tudo se mostra perdido... Mas, mesmo depois de tudo que você me fez... Eu ainda não estou aqui?*

- *Sim, Remiel... Ainda estais aqui.* – A voz do guardião tornou-se serena e, mesmo cego, o homem pôde ver uma luz divina surgir daquele ser. A ilusão da matéria desfez-se e aquele vulto sombrio relevou sua forma real: Tinha asas de anjo e seu olhar atravessava a alma, um olhar triste e ao mesmo tempo orgulhoso. – *Tu os convenceste, criança. Chamaste a atenção de cada um deles e os comoveu com tua força de vontade.*

- *Então vocês nos salvarão?* – Perguntou com lágrimas em seus olhos. O calor da energia daquele ser restaurava seu espírito. Seus ferimentos se fechavam e seu coração acalmava-se.

- *A ti será concedida a chance de salvá-los.* – O enviado respondeu: – *Os deuses te abençoarão com dons divinos para essa tarefa. A senhora dos animais te enviará uma montaria que viverá e morrerá por você. O senhor da música e das histórias te concederá o dom da fala, assim tuas palavras atingirão a alma ao invés dos ouvidos. O senhor da vida te presenteará com o dom de curar doenças e ferimentos. A senhora da justiça te permitirá sentir qualquer mal próximo a você. Por fim, de Doah, o deus dentre os deuses, receberás o dom de passar os mesmos poderes conferidos a ti para aqueles que forem*

merecedores. Usai-os sabiamente. Usai-os com o coração e um grande passo já terá sido dado rumo à salvação.

Então Remiel retornou ao seu povo, depois de longos meses longe de casa. Trazia em sua alma a lição de que bastava querer para se fazer a diferença. Sua campanha real iniciava-se agora. Árdua como haveria de ser, muitos obstáculos se colocariam em seu caminho, mas todos seriam em vão.

Não tardaria para que outros se comessem com sua determinação e compromisso com o mundo, como os deuses o fizeram. Suas palavras passariam a ser ouvidas e o mundo se tornaria um lugar melhor.

A sombra do fim finalmente se afastaria. Remiel uniria forças com homens dignos de compartilhar seus dons e, juntos, seriam guias e protetores de um mundo com esperança renovada.

O povo, agradecido, os chamaria de Campeões Sagrados. Paladinos. Os primeiros de muitos que seguiriam seus exemplos. Eles são homens raros, forjados na atitude, temperados na coragem.

Crônicas de Grinmelken
WWW.GRINMELKEN.COM.BR